

Rumo: arte, política, intervenção

Target: Art, Politics, Intervention

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Par académico interno / diretor da Revista Croma. Artista Visual e professor universitário.

AFILIAÇÃO: Portugal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

A *Revista Croma, estudos artísticos* prossegue para o seu número 3, procurando continuidade, consolidação, pontualidade e também mais delimitação temática.

Os artigos selecionados para este número respondem a preocupações com uma vertente política, interventiva onde a ação do artista é inconformista, uma ação de resistência, de denúncia, e de produção de crítica através do ponto de reflexão que é a arte. Os artistas não se demitiram, continuam sensíveis e atentos, como agentes culturais, à escala global, por um lado, e com intervenções muito locais por outro.

Teresa Palma Rodrigues (Portugal), no artigo "Ramiro Guerreiro: revisitando os 'Verdes Anos'" toma a exposição de Ramiro Guerreiro no Museu da Eletricidade, em Lisboa, observando que este autor estabelece, nas suas intervenções, relações metalinguísticas com algumas marcas culturais dos anos 50 e 60 portugueses, muito especialmente o filme de Paulo Rocha "Verdes Anos" (1963) e os frontões em baixo relevo da arquitetura modernista da época. É também ocasião de refletir-se no desconforto da vida moderna, através dos testemunhos urbanos e fílmicos.

O cinema de Antonioni, Truffaut ou David Lynch é tomado como ponto de partida para a recreação de fotogramas ficcionados do fotógrafo Capllonch, no artigo "Composiciones cinematográficas en la fotografía de Biel Capllonch" de Eloi Puig (Espanha).

Jon Otamendi (Espanha), no texto “Traslación: Ibon Aranberri: La reconversión de un proyecto de producción en uno de publicación” apresenta a intervenção local motivada pela superestrutura global. Uma central nuclear que começou a ser construída em Lemoniz, no País Basco, e que nunca veio a entrar em funcionamento, num percurso de contestação que totalizou seis mortos. O artista Aranberri, no trabalho *Luces de Lemoniz* (2000) tentou criar um espectáculo pirotécnico que também viria a ficar parado. Entre as publicações da época das manifestações e as republicações em contexto artístico Otamendi reflete sobre a mudança de estatuto que uma fotografia pode atravessar, sem deixar de ser a mesma fotografia.

A intervenção sobre as fotografia em espaço público e as modificações inseridas nos dispositivos de intermediação (os “mupi”) é também o tem do texto “Vermibus o la carne dada a los gusanos: espacios publicitarios para la transformación social” de Yolanda Spínola Elías & María del Mar García Jiménez (Espanha). Os cartazes publicitários são pirateados por este grupo de ativismo artístico, subvertendo as lógicas da publicidade.

A intervenção na hegemonia ideológica é também o que motiva a artista Fernanda Magalhães, pela denúncia dos estereótipos sobre o corpo feminino que funcionam como instrumento repressivo. Assim o texto “O corpo político de Fernanda Magalhães: Reflexões sobre ‘Classificações científicas da obesidade’” de Júlia Almeida de Mello (Espírito Santo, Brasil) traz uma perspetiva de intervenção nas questões do género e do corpo, num registo de resistência através da arte.

O corpo serve também de suporte ao *Nó*, peça de dança contemporânea de Deborah Colker. O artigo “Um Olhar Eu nos Nós de Deborah Colker” de Silvia Regina Ribeiro (Brasil) interroga-se sobre as possibilidades expressivas do suporte corpo e da sua visualidade, como num aquário onde os nós se tornam mais visíveis.

O corpo em performance fotografada de Nádía Gobar, sempre nu, é o motivo que Doriedson Bezerra Roque & Paulo Emílio Macedo Pinto (Brasil / Portugal) apresentam no artigo “Um Corpo Coletivo: a Generosidade Poética em Nádía Gobar.” Sobre esta autora reflete-se sobre relação entre o corpo solitário e o seu impacto nos colectivos artísticos, mostrando-se que um existe em função do outro: “um corpo coletivo.”

O texto “Arte e Historia: El ‘Artículo 6’ de Lucia Cuba” de Mihaela Radulescu de Barrio de Mendoza (Peru) reflete sobre a artista Lucia Cuba e as instâncias de biopolítica (Foucault, 1994; 2010), especificamente sobre a esterilização em massa de 300.000 mulheres e 16.000 homens, no Peru, entre 1996 e 2000,

a coberto do artigo 6 da Constituição. As performances e instalações de Lucia Cuba prosseguem um ativismo artístico na primeira linha das questões de género e de pós humanidade.

A intervenção urbana é o tema das instalações lúdicas de Santiago Cirugeda, debatidas e apresentadas por Yolanda Spínola Elías & Ramón Blanco Barrera (Espanha) no seu artigo "La educación social en el urbanismo activista de Santiago Cirugeda." Intervenções em espaços públicos em algumas cidades espanholas promovem novos ambientes arquitetónicos no ambiente urbano adverso e insustentável moldado pelo "hipercapitalismo."

As intervenções na cidade de Marcus Vinicius, debatidas no artigo "Frágeis travessias: Marcus Vinicius e um corpo que se quer outro" de Raphael de Andrade Couto (Rio de Janeiro, Brasil), trazem ao espaço urbano a performance que interroga o corpo urbano e o corpo humano, através do movimento e da ação. O artista assume-se como um "guerrilheiro" do accionismo artístico, e metaforiza esse evento na sua própria morte, em circunstâncias por esclarecer, após uma performance na Mongólia, em 2012, aos 27 anos.

O trabalho da artista Rochele Zandavalli é abordado por Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (Rio Grande do Sul, Brasil), no texto "Rever, o retrato ressignificado" debate a reapropriação artística de imagens familiares *ready made*, e pela aposição de novas marcas, palavras e desenhos.

O texto "Mónica Cid e o(s) iDesenho(s) de Observação no iPad/ Tablet: as heterodoxias intencionais do olhar e do gesto para lá da janela de Alberti" de Shakil Yussuf Rahim (Portugal) introduz a apropriação da imagem captada pelo *iPad* através das suas ferramentas de edição, constituindo-se um espólio ora ilusoriamente demorado, ora de uma transparência carregada de velocidade de processamento e de interação tecnológica.

Adensando o debate sobre as tecnologias artísticas, Ana Matilde Diogo de Sousa (Portugal), no artigo "A Colaboração Massiva de Hatsune Miku: software Vocaloid como catalisador de criações colectivas, grassroots e multidisciplinares na subcultura otaku" apresenta a subcultura japonesa *otaku*, o mais popular ser sintético, Hatsune Miku, um avatar humanoide que gera afectos e espectáculos através do sintetizador de voz *VOCALOID* e das suas divas andróides, que parecem vir de um "tempo em que as canções se perderam."

O artigo "Luiz Henrique Schwanke e a história da arte: breves notas," por Sandra Makowiecky (Santa Catarina, Brasil) revisita a história da arte através das obras meta-linguísticas de Luiz Schwanke, a reconstituição de peças passíveis de serem pensadas através dos meios plásticos da expressão artística, como a luz, a composição, ou a perspectiva.

Gabriela Pereira Fregoneis (Paraná, Brasil) no texto “La Fura dels Baus: Híbridação Homem x Máquina” reflete sobre o estranhamento do homem em relação ao seu próprio corpo, a propósito das peças teatrais do grupo de teatro catalão Fura dels Baus.

O texto “O módulo e a era digital: os gráficos de Marcelo Brantes” de Carlos Eduardo Dias Borges (Espírito Santo, Brasil) procura sistematizar a postura tecnológica de alguns artistas em relação à transição entre o analógico e o digital.

Maria Aparecida Ramaldes (Espírito Santo, Brasil), no artigo “Livro-objeto: a poesia na produção de Hilal Sami Hilal” relaciona a obra de Hilal com a de outros autores, nomeadamente da poesia concreta, como Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

O artigo “Um Jabutipê na poética de Antônio Augusto Bueno” de Carlos Augusto Nunes Camargo (Rio Grande do Sul, Brasil) revela a sistematicidade de recolha dos indícios de natureza, por Augusto Bueno, colhidos na cidade: os gravetos, as folhas. Depois são apresentados em espaços de evidência e de prova, como o espaço Jabutipê.

Rubens Pilegi da Silva Sá (Goiás, Brasil), no artigo “Jardelina da Silva: Tá viva a Letra!” recordam o brutalismo de Jardelina, cuja emergência em salvar o mundo do “bocalips” a leva a criar um complexo conjunto de roupas e de performances, com referências mais ou menos autobiografadas.

O texto “Afrescos urbanos: a arte de Eduardo Kobra” de Gláucio Henrique Matsushita Moro & Luciana Martha Silveira (Paraná, Brasil) toma como instância do hibridismo cultural de Gylberto Freire (2001) e Peter Burke (2008) os murais de Kobra, em São Paulo.

Daniele Gomes de Oliveira (São Paulo, Brasil), no artigo “SEEUQUISES-SEEUFARIAPOESIA: MI SiGURAMAis Mi SiGURA MESMU! A poesia de Walter Silveira” debruça-se sobre a poesia concreta e a performance literária de Walter Silveira, em torno da revista *Artéria*: “poesia? É risco.”

O artigo “A experiência de ler Juliano Garcia Pessanha: a heterotopografia e a escrita topográfica” de Angela Castelo Branco Teixeira (São Paulo, Brasil) reflete sobre a obra literária de Juliano Pessanha, debruçada no processo, equilibrada no desequilíbrio da queda, que é o viver.

Glaysen Arcanjo de Sampaio (Goiás, Brasil) no texto “A cor e a espacialidade nas pinturas de Santhiago Selon” apresenta os trabalhos em *grafitti* e arte urbana de Selon, com um levantamento dos seus processos.

O texto “El hilo narrativo en la obra ‘Bordadora’ de Tania Candiani” de Mariana Piñar Castellano & Teresa Fernanda García Gil (Espanha) apresenta a artista mexicana Tania Candiani, que cruza diversos média em instalações

interativas, de inspiração processual, onde dispositivos de escuta estão aptos a bordar frases ouvidas ao público, debatendo a “generalização dos hábitos individuais” que se pode observar em múltiplos contextos contemporâneos.

Eliane Maria Chaud (Goiás, Brasil) no artigo “Possibilidades de ver: paisagens cotidianas” apresenta as instalações de Karina Dias, que visitam a relação entre o homem e a natureza, na instância da paisagem e da contemplação.

A revista *Croma* nº 3 encerra com o artigo “Parede Pele” de Marcos Freitas (Espírito Santo, Brasil), onde a instalação no MAM de São Paulo incorpora a pele fotografada e degradável, aproximando a fragilidade da arte dos corpos dos visitantes.

Todos estes artigos estabelecem um percurso de leitura possível onde se encontram sinais de inconformismo perante a cidade, a tecnologia, a política, onde a vida se avizinha da morte, por vezes olhando-a olhos nos olhos. Está feita a viragem da *Croma*, em direção à intervenção e à crítica.

Referências

Burke, Peter (2008) *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos. ISBN 85-7431-197-9

Freyre, Gilberto (2001) *Casa — grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, ISBN 8501056642

Foucault, Michel (1994) *História da Sexualidade, I: a vontade de saber*. Lisboa. Relógio d'Água. ISBN: 9789727082407

Foucault, Michel (2010). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal. ISBN: 9788570380746